Brechas Algorítmicas na Tecnoimagética: Artistas Digitais Driblam o Binarismo?[1]

Betina de Tella[2]

Resumo:

Esse artigo pretende analisar quais seriam as possíveis brechas nas tecnologias digitais que permitam driblar, tensionar e pensar em novas referências imagéticas e possibilidades de usos da tecnologias contra-hegemônicos. Para isso, passa por uma análise do cenário neoliberal digital (Frederici, Crary), pela não neutralidade das tecnologias (Faustino e Lippold, Yuk Hui), pelas mediações algorítmicas (Marin-Barbero) e pelos jogos na tecnoimagética (Flusser). Então se utiliza de uma obra artística visual para exemplificar e explorar a possibilidade de brecha, através das lentes já citadas e de conceitos da contra-colonialidade (Leda Maria Martins).

Palavras-chave: Tecnoimagens; Tecnodiversidade; Mediações Algorítmicas; Arte digital; Inteligência Artificial

---

[1] Trabalho apresentado no Eixo Temático 1: Arte, Ciência e Tecnologia do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 27 de novembro a 01 de dezembro de 2023.

[2] Mestranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM ECA- USP). Email: betinatella@usp.br

No cenário de tecnologia digital contemporânea capitaneado pelo neoliberalismo (Crary, 2016), as imagens parecem ultrapassar sua função primordial da visibilidade, ao estarem conformadas por um jogo pré-estabelecido datatificado, em que elas próprias tornam-se dados circulando dentro de sistemas já limitados. As referências imagéticas que constantemente constroem nossos parâmetros em vários aspectos da cultura e sociedade circulam dentro e junto das estruturas tecnológicas digitais muito bem estabelecidas e comandadas por um jogo capitalista tecnológico que obedece a regras previamente arquitetadas. Diante deste contexto, algumas das questões que nos são colocadas são: qual é este jogo e em que medida seria possível driblar seus limites?

Este artigo pretende explorar as brechas e brincadeiras algorítmicas como possíveis respiros dentro do universo tecnoimagético programado por técnicas com intenções políticas e econômicas específicas. Aproximando conceitos de tecnodiversidade (Yuk Hui, 2020) e os jogos de um possível de *homo ludens* (Flusser, 2008) e conceitos contra-coloniais de temporalidades (Leda Maria Martins, 2021), à luz de uma cultura da "gambiarra" e brechas típicas de regiões tidas como margens globais, pretende-se apresentar como um exemplo ilustrativo uma obra de arte de um artista brasileiro chamado Guilherme Bretas (ou VJ Bretas). Uma obra visual em que o aspecto numérico e digital de uma tecnologia é usado para tensionar e provocar os usos postos e seus valores pré-definidos.

O desenvolvimento deste ensaio pretende ser desenvolvido em quatro partes, a primeira situa brevemente o estágio do neoliberalismo contemporâneo de maneira ampla; a segunda aborda o aspecto da tecnopolítica dos dados e reflexões sobre a conceituação de mediação algorítmica, a terceira começa a trazer a reflexão de quais seriam possíveis caminhos em direção contrária às ordens dominantes e hegemônicas; e a última, por fim, traz a provocação de possíveis brechas algorítmicas e apresenta a obra citada como um

exemplo de estudo com este olhar.

1. Situando o cenário contemporâneo

Para situarmos da onde estamos falando, é importante firmar o período econômico-político em que estamos, que acaba por reger o tema o qual queremos tratar. O sistema predominante no início do século XXI é denominado por alguns autores como capitalismo tardio, ou capitalismo da financeirização (Frederici, 2017; Crary, 2014).

Segundo algumas análises (Frederici, 2017), passamos por algumas etapas históricas do capitalismo: primeiro, baseadas na colonização européia, exploração de terras e corpos escravizados, em geral do sul do mundo, e posteriormente, baseado na industrialização e exploração do agora sujeito proletário. E então chegamos no estágio atual, o neoliberalismo financeiro, marcado pela dominação de grandes multinacionais e especulação financeira, no qual há um intenso processo de digitalização de várias esferas de funcionamento do sistema.

Cada período produziu uma série de efeitos que moldaram e marcaram a sociedade ocidental de sua época, moldando as classes sociais, relações de trabalho, relações de poder, modos de vida público e privados, relações de afeto, imaginários e desenvolvimento de tecnologias. Como é comum a cada fase, todos esses parâmetros estão sendo desafiados novamente na contemporaneidade.

Como lembra Frederici, "a primeira máquina desenvolvida pelo capitalismo foi o corpo humano e não a máquina a vapor" (2017), determinando quais corpos teriam direito à história e quais não, quais movimentos corporais seriam permitidos e treinados, quais subjetividades seriam suprimidas. Da mesma forma, no neoliberalismo, os corpos são moldados de acordo com os mecanismos em vigência, as posturas, movimentos, ações e sensações corporais que também estão no mesmo jogo. Não se pode cair na armadilha de

naturalizar comportamentos, ações, comportamentos e mesmo pensamentos e gostos, já que estes também giram de acordo e fazem girar a engrenagem atual.

Autores como Crary nos sinalizam:

> Que se parta ou não de um ponto de vista marxista, não há como ignorar que a internet e as comunicações digitais impulsionaram um implacável processo de financeirização e mercantilização que abrange um número cada vez maior de esferas da vida individual e social, criando um campo de condições marcadamente diferentes de décadas passadas (Crary, 2014, p. 109)

Seja qual nome escolhermos para nomear o estágio atual - financeiro, tardio, pós-capitalismo, de vigília 24/7 - todos apontam para uma mesma detecção do cenário contemporâneo: especialmente após a disseminação do digital e, em especial, da internet por plataformas que gera um modelo de negócios específico, o neoliberalismo digital usa o comportamento humano como seu combustível que, portanto, está sendo capturado e incorporado para este funcionamento. As consequências para a experiência sensível e a subjetividade do que é ser humano, portanto, são uma grande área a ser investigada.

Começando a tatear nosso assunto principal, vale lembrar que muito antes do capitalismo como norma, sempre existiu o esforço do homem em criar tecnologias e também criar imagens. A diferença parece ser que, neste período histórico, a tecnologia está dando saltos de desenvolvimento atrelados aos valores do estágio atual do capitalismo, promovendo uma aceleração também das mazelas desse encontro, que intensificam a desigualdade, destruição do meio ambiente, precarização do trabalho e achatamento das experiências humanas assim como, ao mesmo tempo, alargam o alcance, diversificam afetos, democratizam o acesso à informação, compartilhamento de informações e acesso a direitos cívicos. A complexidade do cenário traz contradições e brechas a serem exploradas.

2. **Tecnopolíticas das tecnologias e dados**

Para a base conceitual e estrutural desta reflexão, nos apoiamos na contextualização do cenário da tecnologia neoliberal datatificada mencionada dentro da lógica do neocolonialismo de dados, como apresentado e sintetizado por Couldry e Miejas (2019). Os autores explicitam como estaríamos vivendo um contexto de colonialismo digital, uma reencenação de um antigo colonialismo, no lugar de terras e bens materiais e naturais que estavam em jogo para produzirem riquezas, o que está sendo extraído agora são os dados. Ocorre que, para além de serem apenas dados, eles são consequência, uma espécie de expressão de relações de afetos, de trabalho, lazer e criatividade que ocorrem dentro das interfaces digitais, gerando lucro às empresas proprietárias.

Deivison e Lippold (2023) nos pontuam também que o colonialismo está presente em todos os aspectos da tecnologia, e nem por isso devemos rechaçá-la e advogar por uma vida sem tecnologias, caindo em uma tecnofobia ou tampouco nos apoiar nela como uma potencial solução para todos os problemas, caindo em um solucionismo ou tecnofilia. O importante, aqui, como lembra Faustino em sua fala no projeto Aquilombamento nas Margens (Youtube, ano), é lembrar que a tecnologia não é, de forma alguma neutra, e que ela parte de relações sociais, ou seja, é uma sóciotécnica: "Toda técnica é também uma relação social, isso faz com que todo debate sobre a técnica tenha que ser também um debate sociotécnico ou ele não consegue explicitar aquilo que ele está observando" (Faustino, Aquilombamento nas Margens, 2023)

Um dos grandes riscos da falta de um olhar crítico e contextualizado para a tecnologia é de cair no tecnicismo. Uma sociedade tecnicista vai defender a técnica utilitarista, acima de qualquer intenção ou propósito que está necessariamente imbricada nela. O positivismo aliado ao tecnicismo, por exemplo, é o pensamento que leva uma

sociedade guiada pelo desenvolvimento tecnológico por sua eficácia e objetividade, que também carrega uma estética específica. A estética do positivismo leva ao extremo da ordem e organização, o viril da máquina, a estética dos carros, do metal das indústrias, a velocidade do progresso e desenvolvimento, afinal, até culminar no espetáculo da guerra, e suas armas cada vez mais precisas e eficazes e dotadas de poder supremo de vida e morte. A supremacia econômica e tecnicista está nas bases do desenvolvimentismo positivista.

A tecnologia é política, neste sentido. Toda e qualquer técnica e tecnologia é criada por alguém e serve a algum propósito (Faustino & Lippold, 2023). Tanto este alguém - que pode significar um grupo cultural ou econômico, um estado-nação, uma empresa - quanto o propósito - a finalidade, a intenção - possuem suas próprias características e modos de agir no jogo de poderes locais e globais. Ou seja, possuem suas próprias intenções, estratégias, visões de mundo, objetivos. Em geral, o objetivo declarado de uma tecnologia dominante, por trás do discurso de facilitar alguma necessidade identificada na sociedade de consumo, é o econômico, são empresas que precisam ser lucrativas para sobreviver. Para além da sobrevivência e lucratividade corporativa, há também os objetivos políticos desse agente e, ainda mais importante por não declarado, os seus tais vieses, modos de pensar e modos de interferir no mundo.

Assim, olhar para a tecnologia parte, necessariamente, de olhar também para as relações sociais, políticas e econômicas que as criaram e nas quais ela está imbricada. São essas relações que criam e fazem uso de ferramentas tecnológicas. Uma crítica a uma tecnologia específica é, na realidade, uma crítica ao sistema econômico e político que deu origem a ela e faz uso dela, especialmente pensando a qual tipo de uso ela está servindo.

3. **Mediações digitais e algorítmicas**

Dialogando com essa estrutura do cenário da tecnologia neoliberal datatificada dentro do contexto do neocolonialismo de dados, nos aproximamos também do conceito de mediações de mediações de Martín-Barbero (Winques, 2022), como possível lupa, ainda que mais ampla, para olharmos para o ambiente e relações algoritmizadas, um guia-inspiração para mapear os vetores algorítmicos e seus atravessamentos institucionais e econômicos e políticos. Para além de estabelecer quais são as relações mediadas, Barbero também traz à equação as já mencionadas intencionalidades políticas, econômicas e culturais que fazem parte destas mediações e dos atores e ferramentas envolvidas. Como comentamos, tais intencionalidades são, por vezes, esquecidas ou diminuídas quando se tratam de questões e mediações tecnológicas que frequentemente são encaradas como artefatos que possuem alguma neutralidade.

Dando um passo anterior, lembramos que para Martín-Barbero (2001), toda nossa comunicação é necessariamente atravessada por questões de classe social, questões étnico-raciais, contextos geográficos, tudo o mais que nos atravessa. Ou seja, todos estes aspectos são mediações da nossa relação com o mundo e com o outro. Elas estão presentes nas relações de consumo, de aprendizagem, de comunicação, sendo parte integrante, então, de nossas práticas culturais. Toda comunicação é necessariamente mediada, pode-se dizer que as mediações são todos os vários e diversos elementos que compõem o sujeito e suas fragmentações e as características que formam aquela interface, daquele ponto de contato do sujeito com o mundo.

Para falar de mediações, Martín-Barbero se utilizou do método de criar mapas, esquemas em que incluía os aspectos e vetores que criavam uma relação de mediação comunicacional. A escolha de Babero por usar a metodologia de mapeamento não é à toa. Entendemos que, por dois motivos, ele acaba sendo um método crítico e propositivo: primeiro, por ele possibilitar propositalmente mexer com as fronteiras e, dado que o autor fala da perspectiva latinoamericana, fugir da dominância dos mapas eurocêntricos da

comunicação. Segundo, pela escolha da tática de mapear, um método que tateia e olha para as margens, para as bordas e que é sempre aberto a intervenções, a mudanças de pontos de vista e transformações na realidade. Maria Immacolata Lopes (2018, p 42), ao refletir sobre a metodologia, relata que:

> A epistemologia da comunicação barberiana pode ser entendida como uma nova tentativa de cartografar o conhecimento das práticas comunicacionais e culturais latino-americanas e ganha força nas abordagens que reivindicam a importância do papel das periferias num novo mapa global, onde os novos cartógrafos se utilizam do discurso da diversidade e da resistência.
> (Lopes, p.42, 2018)

Como segue analisando Lopes (2018), a escolha de mapeamento coloca todos os elementos do cenário em jogo, deliberadamente abrindo também a possibilidade de intervir neste mapa. É uma escolha política, pois Barbero convida a pensar em como agir no mapa, quais elementos ali existem, quais podem ser mais ressaltados e quais podem ser mais inclusivos e mais democráticos. E sempre a partir do local onde se fala, já que Barbero:

> Critica a dependência teórica dos estudos de comunicação latino-americanos a modelos hegemônicos, reprodução de teorias e enfoques que o autor considera "fora de lugar", destituídos de sentido no universo ao qual se propõem inserir. Para o autor, os mapas e os sentidos produzidos por eles mudam na medida em que se desloca o ponto de observação. (Lopes, p.42, 2018)

Os mapas estão em disputa e constante mudança. Se hoje queremos aqui discutir brechas, margens e compor lentes para analisar fenômenos sociais, a intenção é que essas lentes também tenham potencial transformador. O desejo de se criar uma lente para analisar as mediações tecnológicas e criações de possíveis dribles imagéticos passa pela necessidade

de se repensar as estruturas dominantes e desejo de brincar e reconfigurar essas mediações. Mapear significa também identificar o que não é claramente visível, o que não está tão previsto, hegemônico, o que também anda pelas bordas deste cenário. Assim, mapear é importante tanto para compreender as dinâmicas comunicativas da sociedade contemporânea, como para propor novas formas de comunicação e cultura que sejam mais inclusivas e participativas.

Voltando para a comunicação digital, sabemos que as relações comunicacionais atuais passam pelas características, possibilidades e limitações que a ambiência *digital*, e portanto, *numérica*, traz. É esperado que a mediação numérica, se podemos chamá-las desta maneira, indique também novas formas de sociabilidade, novas interações de práticas de consumo e até mesmo novas formas de cognição e de formação de subjetividades, imaginários e referências imagéticas, como citamos anteriormente. Tomando este conceito de mediações como relações presentes em nossas interfaces com realidades, carregadas de especificidades sociais e políticas, surge a questão de como incluir o aspecto numérico dentro do pensamento de mediação que o autor propõe?

Como fizeram Winques e Raquel Longhi, no artigo "*Dos meios às mediações (algorítmicas): mediação, recepção e consumo em plataformas digitais*" (2022), propomos pensar no algoritmo como um vetor de mediação, utilizando das definições de mediação de autor, justamente dentro do local entre a produção e a recepção, o lugar onde o algoritmo e a técnologia binária numérica age. Este lugar, ainda que invisível, aparece.

Debruçando sobre o último mapeamento feito por Martín-Barbero, apresentado em uma entrevista que o autor deu em 2017[3], as autoras propõem de fato incluir as mediações algorítmicas dentro do mapa, afetando não apenas um ou outro vetor, mas toda a experiência sensível do ser humano, sua experiência de mundo e produções de novas vivências.

[3] Citação da entrevista comentada por Winques e Longhi no mesmo artigo (2022).

> A questão da técnica torna-se cada vez mais crucial, à medida que o tecnicismo ameaça a diversidade cultural das técnicas, tornando-se um conector universal do global. Um tecnicismo mundial diz respeito não somente ao mundo dos objetos, mas também aos sujeitos e aos seus laços sociais; consequentemente, a sociedade não está somente diante de avatares da economia, mas também de outras premissas de cultura e política. (...) o atual estágio tecnológico está abalando as imagens do mundo e as coordenadas da experiência sensível. (WINQUES e LONGHI, 2022, p.160)

Novamente, como nos interessa a relação de periferia-mundo, uma visão epistemológica que parte do princípio do ato de mapear, ou seja, de refletir e redefinir o que é centro e o que é margem, pode inspirar justamente a uma busca por costuras de práticas que tenham algo de disruptivas ou transgressoras em relação a ordem posta, a ordem do colonialismo de dados.

Se estamos, em padrão - default - conformados neste jogo, e o que produzimos e consumimos está dentro dos limites criados por este neoliberalismo datatificado, perguntamos: quais brechas poderiam recriar ou furar o que já está nos mapas dos ambientes estabelecidos e firmados pelas suas estruturas políticas e econômicas e técnicas?

4. Caminhando para as brechas tecnoimagéticas: tecnodiversidade, gambiarras e dribles ao binarismo tecnológico

Não há muito espaço para tecnologias criadas a partir de outras visões de mundo, outras formas de enxergar e vivenciar o mundo, o mundo natural e relacional (Yuk Hui, 2020). Acabamos sendo impostos uma tecnologia que é criada a partir da visão de mundo norte americana e europeia, impulsionadas por investimentos e possibilidades do capital.

Neste sentido, o autor Yuk Hui, em seus ensaios reunidos no livro Tecnodiversidade (2020) traz uma leitura fiel e dura e, ao mesmo tempo, um possível respiro, justamente com sua ideia de tecnodiversidade. Seguindo a lógica global, a tecnologia que usamos hoje nos foi imposta pelos conglomerados dominantes, em uma via de mão única. A ocidentalização foi propulsionada pela internet. A ideia de tecnologia que domina o mundo hoje é totalmente achatada, baseada em uma única visão de mundo e bastante útil e servil ao capitalismo.

Os países do sul do mundo, contudo, são férteis em driblar as tecnologias impostas e fazerem algo novo delas, o que pode apontar um caminho criativo que pode fugir às amarras hegemônicas. Tecnologias analógicas de países do sul e conhecimentos tecnológicos de ponta dentro de sua cosmovisão são desvalorizadas, como consequência do processo de colonização dessas regiões e seus povos e subsequente histórico processo de imposição da hegemonia cultural européia e norte americana. Porém, tais técnicas são incorporadas, resistem ainda que com outras funções - na arte, por exemplo. Outro exemplo muito brasileiro é o muito debatido conceito criativo de gambiarra. A gambiarra, a partir de necessidades econômicas e criativas, subverte usos de uma tecnologia imposta, para atender as demandas de usos locais. Ela pode ser digital ou analógica, e em geral faz um uso não previsto de um artefato, uma tecnologia ou um objeto. O que os desenvolvedores chamariam de erro, podem ser chamadas de subversão e exploração das tecnologias vigentes.

Uma das grande questões de Yuk Hui, ao trazer a problemática ideia de tecnodiversidade, é justamente pensar em possíveis caminhos, escapes e rotas que fujam a tecnologia homogênea imposta.

> Todas as culturas deveriam refletir sobre a questão da cosmotécnica a fim de que surja uma nova cosmopolítica, uma vez que, para superarmos a modernidade sem recair em guerras e no fascismo, parece-me necessário nos reapropriar da tecnologia moderna através da estrutura renovada de uma cosmotécnica que consista em diferentes

> epistemologias e epistemes. (...) O objetivo aqui não é recusar a tecnologia moderna, mas analisar a possibilidade de futuros tecnológicos diferentes (...) A globalização unilateral que chegou ao fim está dando lugar a uma competição de acelerações tecnológicas e às tentações da guerra, da singularidade tecnológica e dos sonhos (ou delírios) transumanistas. Tecnodiversidade - (Yuk Hui, 2020, - p.45, 46)

Assim, debruçar sobre possíveis jogos nas tecnologias e seus usos é um esforço de fertilizar imaginários para outros caminhos tecnológicos, seja se apropriando das ferramentas já existentes ou criando outras: "recolocar a questão da tecnologia é recusar esse futuro tecnológico homogêneo que nos é apresentado como única opção" (YUK HUI, 2020, p. 45, 46).

Neste sentido, a gambiarra brasileira e outras práticas podem ser um farol criativo no sentido de possíveis subversões da tecnologia dominante para um alívio em direção à diversidade e outras formas de futuro possíveis e suas aplicações tecnológicas. Como a tecnologia digital caminha para servir ao desenvolvimentismo neoliberal, o que foge a ela pode apontar para espaços de resistência ou mesmo de criação de novas fabulações de existências.

Desejamos nos aproximar de possíveis quebras do jogo, partindo justamente das margens do mapa do sistema colocado, das margens da tecnicidade dominante, dialogando com a ideia de tecnodiversidades (Yuk Hui, 2020) ou de gambiarras (Foletto, 2021), como possibilidades de driblar, nas tecnologias imagéticas, o pensamento colonial estabelecido, abrir espaço para expressões de outras cosmovisões. Especificamente em relação a tecnologias que produzem e fazem circular imagens e referência imagéticas, seriam essas quebras possíveis aberturas para fora da ordem eurocêntrica do uso tecnológico imagético? A politização do pensamento maquínico pode possibilitar o drible da ordem colocada por este próprio pensamento tecnológico?

5. Brechas: caso da obra Nossa Pele Reluz como Ouro como um respiro e resistência

Valendo desta base apresentada, vamos, então, pensar no mundo tecnoimagético (Flusser, 2008), nas manobras já programadas ou não, nas referências imagéticas e possibilidades de criação, reprodução e circulação de imagens na contemporaneidade. O que queremos pensar é se, dado que estamos dentro deste ambiente formatado e com parâmetros muito bem estabelecidos e intencionalidades agora desveladas, teríamos possibilidade de utilizar as tecnologias para também ressignificar, subverter, tensionar e até modificar a intenção pré-estabelecida, e não apenas aceitarmos ou nos submetermos a ela. Pretendemos explorar se algumas brechas conseguem de fato brincar com os dados, se e como o remix de imagens algoritmizadas conseguem driblar os pressupostos políticos e técnicos para tensionar e criar novas referências fora da binariedade política e tecnológica imposta. Como as ferramentas de inteligência artificial ou as *affordances* (D'ANDREA, 2021) de plataformas podem ser utilizadas para provocar e recriar usos para os quais elas não foram desenvolvidas?

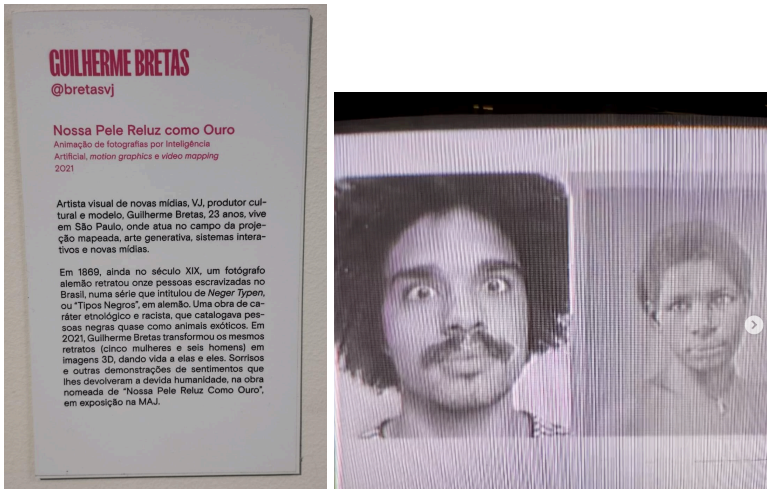
Com inspiração em Flusser (2008), e Beiguelman (2021), acabamos por nos voltar então, para expressões artísticas, entendendo que uma das camadas da arte é justamente a liberdade, o caráter exploratório, inventivo, o não-utilitarismo. Práticas artísticas podem abrir caminho para permitir que a expressão humana transite, dobre as regras e temporalidades, invente, crie imagéticas, misture gramáticas e surja com algo novo.

O caso apresentado neste artigo á uma obra do artista Guilherme Bretas, também conhecido como Bretas VJ, jovem artista homem cis negro brasileiro. A obra tratada aqui se chama "Nossa Pele Reluz como Ouro". Trata-se de uma série de vídeos, exibidos em uma

tela LCD vertical, expostos, dentro outros locais, na Mostra de Arte da Juventude, no Sesc Consolação (São Paulo, SP), entre 2022 e 2022, onde as imagens abaixo e o vídeo referenciado foram feitos. Como trata-se de uma obra em vídeo, vale assistir o vídeo para ter ideia da proposta. Também vale mencionar que versões dessa obra já haviam sido expostas anteriormente pelo artista, mas foram projetadas em grande escala em uma contrução/ruína, ao ar livre, usando a técnica de video-mapping, e não em uma tela.

Fig 4: Imagens do artista Bretas VJ (Guilherme Bretas)
e sua obra Nossa Pele Reluz com Ouro





Fonte: registros de detalhes da obra do artista Bretas VJ exposto no Sesc Consolação durante a 30ª Mostra de Arte da Juventude/MAC 2022 (de outubro de 2022 até março de 2023). As duas imagens superiores são fotos das imagens em movimento exibidas (pequenos vídeos) na exposição

Esta obra parte de exercícios prévios do artista em experimentar ferramentas de inteligência artificial, neste caso, ele usa a tecnologia específica de inteligência artificial generativa que se assemelha às utilizadas para criar os chamados deep fakes, disponíveis na época gratuitamente em sua versão beta, na plataforma Runway[4]. Na obra, ele aplica a funcionalidade desta ferramenta de inteligência artificial (IA) generativa em imagens de arquivo de fotografias de arquivo de pessoas negras do Brasil do século XIX, dando movimento sutis a imagens antes estáticas e, de alguma forma, humanizando imagens de corpos desumanizados e escravizados. Aqui há muitas camadas para olharmos e, neste caso, sentirmos. Soma-se à equação o fato de que o movimento é feito a partir da leitura da IA do rosto do próprio artista, que é quem faz os movimentos, um homem negro contemporâneo que vive, em outro contexto, a consequência de uma sociedade que não reparou o fim da

[4] Software proprietário (porém, gratuito) Runway que disponibiliza a tecnologia de Inteligência Artificial que é usada para produzir os chamados *deep fakes*: https://runwayml.com/

escravidão. Ou seja, um corpo hoje empoderado que questiona o racismo que ainda vive em nossa sociedade, agora em outras facetas. Essa mescla faz surgir uma nova imagem, não é uma colagem das duas imagens imagens, e sim uma nova - que une dois corpos negros em épocas diferentes, em uma possível representação concreta de ideias como o chamado tempo espiralar. Conceito trazido por povos originários, como os guarani, como uma noção de tempo que difere do tempo linear. Autoras como Leda Maria Martins (2021), pensadora negra brasileira, traz também o conceito de tempo espiralar, mencionado no início do texto, como algo central em sua base teórica, para denominar uma temporalidade que incorpora passado, presente e futuro. Essa ideia permite uma postura muito mais dinâmica frente aos acontecimentos por justamente não seguir uma cronologia linear do pensamento ocidental. Seria uma subversão do tempo cronológico.

Essa ideia da espiral pode representar algo que acontece em um ponto, seguido de acontecimentos em outros pontos, podendo criar simultaneamente distâncias e aproximações, dinâmicas paradoxais para a mesma cena – a própria ideia de "paradoxo" aponta para a origem de um pensamento infiltrado por perspectivas ocidentalizadas que não incorporam em seu pensamento a ideia de coexistência. Nos pontos de partida de Leda (2021) – e aqui o plural também faz referência à ideia de espiral, tendo vários pontos por onde se pode partir – estão as cosmologias negras africanas e afrodiaspóricas, que nas Américas se inserem, se recriam e se desdobram. Nesse caso, a oralidade é colocada como uma prática ancestral e não colonial de circulação dos conhecimentos e enraizamento das memórias, tendo o corpo - que aqui nos interessa, pois é o que está retratado nas fotografias da obra - como guardião das complexas e ambíguas práticas que compõem uma cultura.

Nesse sentido, a ideia de uma temporalidade, ou de uma percepção da realidade, que seja linear, em linha reta, sequencial e cumulativa, tendo o início e o fim como referência, não faria tanto sentido para olhar os fenômenos e sim a curva, ao contrário da reta, como

forma mais coerente para a produção de sentido e interpretação sobre a vida, que assim teriam na “retrospecção e prospecção” ou “contração e dilatação” balizas para não dividir passado-presente-futuro, em recusa à dualidade ocidental binária.

Nessa visão, noções mais plásticas, flexíveis, curvilíneas e cíclicas são mais bem vindas para Leda (2021), por propor ressignificações sobre o entendimento do tempo e apontar que a cultura brasileira não se constitui da temporalidade europeia-ocidental. Leda argumenta que mesmo no espaço há uma temporalidade curva, com fronteiras maleáveis, por onde os acontecimentos podem se reaver, não cumprir a ideia de imutabilidade e se voltear, se encaracolar, se reverter, por meio da dança, das coreografias, dos ritos, das expressões artísticas e sociais.

Uma possível expressão da ideia de tempo espiralar aqui pode ser vista em nosso exemplo: uma pessoa negra dos tempos de hoje foi buscar pessoas de mais de um século atrás, que não tinham direitos humanos, por serem também negras, e dá a elas o movimento que traz a imagem uma humanização e afeto. Provoca quem vê em um movimento de expor o absurdo, chacoalhar a história e reparar, em forma de expressão artística, as condições em que aquelas pessoas foram submetidas.

Outra camada a se olhar neste caso específico é que essas fotografias haviam sido produzidas originalmente como encomenda a um fotógrafo oficial do império, para forjar uma suposta dignidade àquelas pessoas. Elas já tinha, então um propósito perverso pois serviam à manutenção da escravidão. Pretendiam mostrar, através do caráter atribuído à fotografias de registro de serem um testemunho histórico da verdade, principalmente em sua época, que pessoas escravizadas eram bem tratadas, respeitadas, enquanto na realidade tinha intenção de tornar a escravização aceitável. Com a intervenção artística de Bretas, elas tiveram essa finalidade exposta e subvertida. Adicionando à técnica de registro empregada na época, uma técnica símbolo da contemporaneidade como a IA, o artista presenteou

àquelas imagens novas camadas, artificiais e espantosamente humanas. "Como uma ação de esquiva e revide a essas formas de violência, emergem as invenções nas frestas, experiências de transgressão e resiliência ao colonialismo" (Rufino, 2019).

Ainda outra camada é a ideia de que estas fotografias, inicialmente produzidas com uma tecnologia analógica, ao serem digitalizadas e transformadas em pixels, ficaram então à disposição para terem seus pixels rearranjados, em um claro exemplo do que são feitas as imagens digitais: elementos dos quais elas se desintegram para depois se reintegrar (como imaginava Flusser, 2008) em várias outras possibilidades de significados, verdadeiros ou não. Esses pixels rearranjados reorganizam também uma narrativa, criando uma nova imagem. Essa imagem difere de uma colagem (digital ou analógica) da cultura do remix (conceito popularizado no documentário Everything is a Remix, 2010) que também cria novos imaginários, mas a partir da combinação de recortes de imagens existentes. Já as imagens geradas por técnicas de IA não são recortes, são novas e dificilmente exatamente replicáveis já que os cálculos generativos criam imagens estatisticamente aleatórias. O fato de não serem colagens ou uma animação por exemplo, criada por técnicas de motion graphics, situa essa obra neste meio do caminho, nessa terceira via que é uma imagem de fato nova, criada ao mesmo tempo pela máquina e também pelo artista.

Este caso nos instiga a explorar as possibilidades e limites que a organização do jogo digital contemporâneo traz em termos de combater e recriar narrativas, reformular referências imagéticas, imaginar novas imagens datificadas. Assim como recoloca a necessidade de politizar as tecnologias e provoca pensar se as brechas e gambiarras podem empurrar para esta direção. Em que medida seriam estes jogos já previstos pelo programa (Flusser, 2008) ou em que medida são possíveis furos no pensamento e na ordem digital neocolonial, driblando e complexificando o binarismo cartesiano da tecnologia e de valores. Segundo Rufino (2019), é precisamente a brecha e a encruzilhada, que podem pôr em

cheque o binarismo que é fruto da colonização. Ele didaticamente nos ensina que o conceito de encruzilhada é justamente o que pode nos devolver algo de maneira transformada: "é o devir, o movimento inacabado, saliente, não ordenado e inapreensível. O cruzo versa-se como atravessamento, rasura, cisura, contaminação, catalisação, bricolagem" (Rufino, p.18, 2019). Tomando emprestado sua reflexão, será que podemos considerar que os experimentos artísticos-tecnológicos que tensionam o duro binarismo da tecnologia através desta bricolagem transgressora também possuem esta potência contra-colonial?

Afinal, como resumem Faustino e Lippold (2023), não se trata aqui de recusar ou endeusar as tecnologias, e sim utilizá-las, experimentar com elas sempre trazendo à tona seu aspecto social e político, como mencionamos no início do texto, ao englobar as teorias das mediações. Como bem lembra a síntese final dos autores, "o problema não é o aprendizado de máquinas ou a chamada inteligência artificial, em si, mas os sentidos pelos quais são projetados e, sobretudo, os usos que lhe atribuímos" (Faustino & Lippold 2023, p.188). Ou seja, conectando o que vimos até aqui, encontrar brechas dentro deste jogo pode ser algo bem vindo por abrir caminhos não só para novas referências imagéticas e reconstrução de narrativas históricas, como também propor novos usos para as ferramentas, novos caminhos para os dados, abrir espaços também para críticas técnicas e tecnológicas, sempre refutando a neutralidade de tecnologias. Explorar usos contra-hegemônicos das tecnologias, das redes sociais e de tecnologias de aprendizagem de máquinas pode ser visto como parte deste esforço de descolonização de dados e de meios de comunicação.

6. Considerações finais

Como vimos neste percurso, o neoliberalismo digital (capitalismo tardio, de dados ou da financeirização) é resultado de uma série de desdobramentos e molda nossas

vivências, expressões, possibilidades e subjetividades. O desenvolvimento da tecnologia que serve aos propósitos deste sistema econômico-político segue em ritmo exponencial, e nós nos vemos submetidos a ela. Tendo como pressuposto que essas tecnologias e suas relações configuram mediações que possuem, então, intenções imbricadas em seu funcionamento e utilização, a questão se complexifica. As tecnologias e seus artefatos passam a ser, na realidade, vetores carregados de intencionalidades, pressupostos econômicos e políticos e relações sociais, inclusive as tecnologias que servem a comunicação e produções de imagens e referências imagéticas, que são o foco do nosso interesse.

Em resumo, para além de visões tecnofóbicas ou tecno-solucionistas, vemos algumas possibilidades de caminhos de reflexão e atuação mirando possíveis dribles na lógica programada. Uma delas seria a chamada tecnodiversidade, uma ideia de fomentar o desenvolvimento de tecnologias desenvolvidas a partir de outras cosmovisões e seus desdobramentos. A outra, que também se alia e se mistura a esta, são as explorações das brechas neste jogo digital pré-determinado e imposto e é aqui que nos focamos, refletindo sobre quais seriam as possibilidades de experimentar, burlar e driblar as regras impostas. E aqui, quando nos voltamos ao universo imagético - determinado como interesse principal - caímos, quase que inevitavelmente, na arte como prática de liberdade, e analisamos um caso específico, a obra de Bretas VJ (Nossa Pele Reluz como Ouro). Essa obra tensiona a tecnologia binária, dialogando também com conceitos contra-coloniais como da encruzilhada e tempo espiralar, para manifestar outras possibilidades de usos da tecnologia para criação de expressões imagéticas contestadoras e que trazem novos imaginários. Assim, as pistas para as possibilidades de driblar os algoritmos impostos pelas bich techs podem justamente estar em pensamentos contra-coloniais, em expressões artísticas que abram caminhos para imaginação de novos mundos, através dos dados e também fora deles.

Referências Bibliográficas:

BEIGUELMAN, Giselle. Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: UBU Editora, 2021.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.

CRARY, Jonathan. 24/7: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: UBU Editora, 2016.

D'ANDREA, C. (2021). Para além dos dados coletados: políticas das APIs nas plataformas de mídias digitais. MATRIZes, v15(1), p103-122. *https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v15i1p103-122 - Acessado em 20/12/23*

EVERYTHING is a Remix. Direção de Kirby Ferguson. Fernando Meirelles. Estados Unidos, 2010. Online. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SAfCvMNgLjg - *Acessado em 25/1/24*

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. Colonialismo Digital: por uma crítica Hacker-Fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.

FOLETTO, Leonardo. Cultura é livre: uma história de resistência antipropriedade. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008

HAN, Buyng-Chull. No enxame. Perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018

HUI, Yuk. Tecnodiversidade. São Paulo. UBU editora. 2020

Lopes, M. I. V. de. (2018). A teoria barberiana da comunicação. MATRIZes, 12(1), 39-63. https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63 - Acessado em 15/05/23

MARTIN-BARBERO, J.: Dos meios às mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia, 2 ed. UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

MARTINS, Leda Maria. Performances do Tempo Espiralar - poéticas do corpo-tela. Editora Cobogó, 2021.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Editora Mórula, 2019.

SESC AVENIDA PAULISTA. Aquilombamento nas Margens: Deivison Faustino. Youtube, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iKuYjakexYA&t=2204s (acessado em 25/01/24).

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SOUZA E SILVA, Wagner. Foto 0 Foto 1. São Paulo: Edusp, 2016

WINQUES, K. LONGHI, R. R. Dos Meios às Mediações (Algorítmicas): Mediação, Recepção e Consumo em Plataformas Digitais - Revista Matrizes, USP, v.16, n.2, 2022.